



Jornal Notícias

27-01-2012

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 110603

Temática: Sociedade

Dimensão: 1951

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/14 a 15

ACIDENTES JÁ TIRARAM A VIDA A SEIS PESSOAS DESDE O INÍCIO DO ANO P.14 E 15

Trabalho mata 1633 operários numa década



Tua: três trabalhadores soterrados nas obras da barragem

Luto atinge famílias de Cabeceiras de Basto, Armamar e Alijó
ACT suspende construção e admite alargar inspeções

Obras suspensas após morte de três trabalhadores

Tua Inspeção-Geral do Trabalho admite alargar vistorias rigorosas a todas as barragens nacionais

— ALEXANDRA FIGUEIRA E EDUARDO PINTO
 — locais@jn.pt

As obras de construção da barragem do Tua foram suspensas ontem, por ordem da Inspeção-Geral do Trabalho, na sequência de uma derrocada de pedras em que morreram três operários. A EDP abriu um inquérito, mas para já aponta para um fenómeno natural.

“Os trabalhos foram suspensos de imediato”, avançou, ao JN, o inspector-geral de trabalho, José Luís Forte. E enquanto aguarda que a empresa “apresente um relatório sobre o acidente, para que se possa avaliar se a obra pode, ou não, ser retomada”, esta será alvo de “uma inspeção rigorosa”. Consoante o resultado que for obtido, admitirá avançar para “inspeções aprofundadas em todas as barragens”.

José Luís Forte acrescentou que nas inspeções periódicas já realizadas, constatou-se que “a obra correspondia ao plano de segurança”, não tendo relato de “qualquer incumprimento das normas”. Há também a hipótese de ter havido “uma má avaliação em fase de projecto, aquando da elaboração do plano de segurança”. E se tal ocorreu, “uma inspeção no terreno não poderia detectar qualquer falha”.

Alimento natural

Foi durante a pausa para o almoço que a tragédia se deu. Três operários dos concelhos de Alijó, Armamar e Cabeceiras de Basto, regressavam ao trabalho na encosta da margem esquerda do rio Tua, em Carrazeda de Ansiães, quando foram apanhados de surpresa pelo desmoronamento de um penhasco. Primeiro esmagou uma máquina giratória que se situava num patamar superior e a seguir arrastou-os para a morte.

“A instabilidade da plataforma onde os corpos ficaram, com muita pedra solta, obrigou os bombeiros a agir com a máxima precaução para não colocar a própria vida em risco”, adiantou o comandante da Protecção Civil de Vila Real, Carlos Silva, pelo que a remoção dos cadáveres ficou concluída por volta das 17 horas, sendo depois transportados para o gabinete de medicina legal de Mirandela, onde serão autopsiados.

Barragem do Tua Acidente de trabalho mata três operários

13.40 horas Alertada a Protecção Civil

Como aconteceu o acidente

- Um bloco de granito cai por cima de uma máquina giratória que se encontrava no local, parada. O operador tinha ido almoçar e ainda não tinha regressado.
- Três trabalhadores que trabalhavam no mesmo sector da obra tinham regressado mais cedo do almoço e aguardavam o reinício dos trabalhos.
- O desprendimento das rochas, alegadamente por causas naturais, anastasiou os trabalhadores pela encosta. Morreram todos no local. Um deles ficou coberto com pedras que foram retiradas por uma máquina retroescavadora.

Projecto da obra
 Corte transversal
 Queda de 30 metros
 90 m

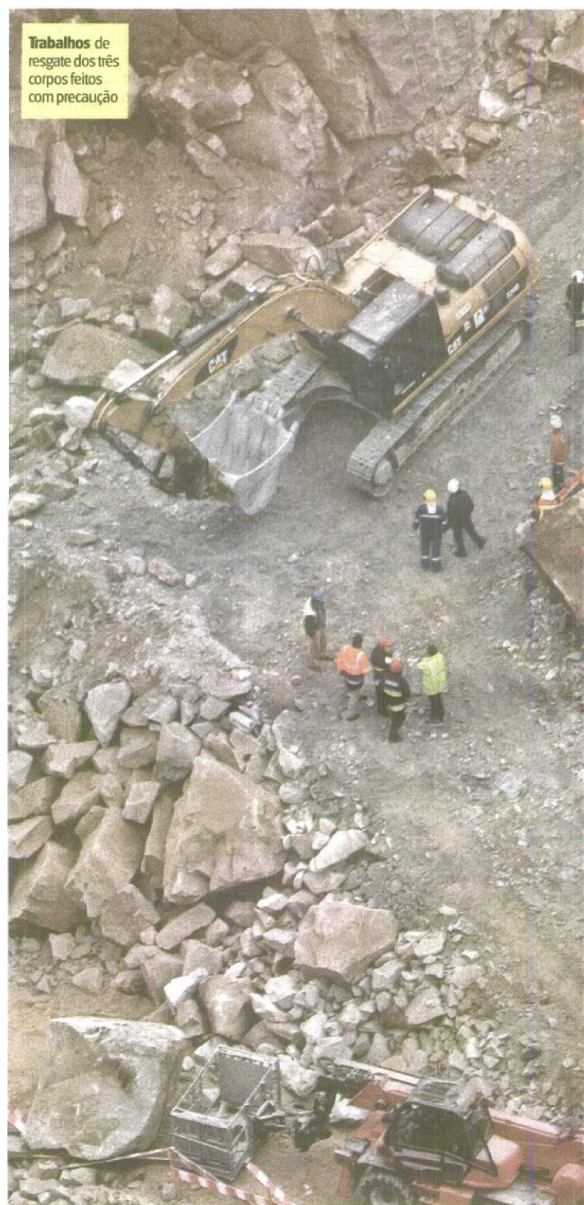
Carlos Carvalho Sobreira, 41 anos. Pai de três filhos

Alberto Tomé Folgosa do Douro, 57 anos. Pai de quatro filhos

Valter Rodrigues Aldeia de Povoia, 54 anos. Pai de quatro filhos

Infografia JN

António Ferreira da Costa, administrador da EDP Produção, anunciou, pouco depois, a abertura de um inquérito para apurar as causas do acidente. Preliminarmente, “tudo indica que se tratou de um alimento natural, muito semelhante a outros que anteriormente se verificaram naquela margem do Tua, onde existia a linha ferroviária”.



Trabalhos de resgate dos três corpos feitos com precaução



Carlos Silva, comandante da Protecção, disse que por causa da pedras soltas bombeiros correram risco de vida



FOTOS: MANUEL RODRIGUES/FOTODIÁRIO

HISTORIAL

Janeiro de 2008

PROSPECÇÃO SUSPENSA

A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Norte notificou a EDP para suspender os trabalhos de prospeção geológica nas margens do rio Tua enquanto não fosse escolhida a concessionária da futura barragem. O empreendimento deverá surgir a pouco mais de um quilómetro da foz, entre os concelhos de Alijó e Carraceda de Ansiães.

Fevereiro de 2008

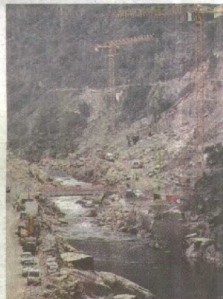
INÍCIO DAS OBRAS

José Sócrates assinalou o arranque oficial da barragem do rio Tua, na Quinta dos Malvedos, Alijó. Na altura, o então primeiro-ministro lamentou o atraso da obra, que teve como causa principal o fim da linha ferroviária do Tua.

30 Agosto 2011

ACIDENTE DE TRABALHO

O colapso da base de um equipamento multifunções deixou três operários feridos nas obras de construção da Barragem de Foz Tua. Os operários estavam a ser elevados na plataforma de um



equipamento multifunções que, a dado momento, terá colapsado.

Novembro de 2011

AMBIENTALISTAS PROTESTAM

As obras pararam duas horas porque seis ambientalistas acorrentaram-se aos portões de acesso em protesto contra a construção do aproveitamento hidroeléctrico. O risco de a UNESCO retirar esse galardão ao Douro vinhateiro era um dos argumentos defendidos.

Dezembro de 2011

SALVAGUARDAR PATRIMÓNIO

O arquitecto Souto Moura é escolhido para arranjar uma solução para conciliar a barragem de Foz Tua com o Alto Douro Vinhateiro Património Mundial. Segundo um relatório da Unesco, a construção da barragem terá "um impacto irreversível e ameaça o valor excepcional universal".

ria, e que causaram mortes de pessoas que iam no comboio".

Sem falhas de segurança

Ferreira da Costa não colocou em causa os planos de segurança afectados a todas as zonas da obra, descartando, numa primeira análise, qualquer falha de segurança, embora admita que "os acidentes podem ocorrer". Já Joaquim Martins, do Sindicato da Construção, Obras Públicas e Serviços Afins, diz estar convencido que "houve falha humana" e "alguém tem que ser responsabilizado pelo sucedido". ■

1633 operários perderam a vida na última década

Estatística

Na última década, pelo menos 1633 pessoas morreram em trabalho. Alargando os dados a 2001, o ano mais antigo constante da página na Internet da Autoridade para as Condições no Trabalho (ACT), as vítimas mortais sobem para 1913 pessoas. Juntando os seis que já perderam a vida este mês (incluindo os três trabalhadores de ontem), chega-se a um número de 1919 pessoas que morreram enquanto trabalhavam.

O número absoluto esconde, contudo, tendências diferentes. Durante anos, trabalhar foi sendo mais seguro, com actividades como a construção civil - tradicionalmente a que mais trabalhadores mata - a reduzir de forma

acentuada a sinistralidade grave, em particular a partir da Expo 98.

A descida sustentada foi, contudo, interrompida nos dois últimos anos. Os dados da Autoridade para as Condições no Trabalho (ACT) mostram que, face ao ano anterior, houve mais sinistralidade fatal tanto em 2010 quanto em 2011. Os dados ainda preliminares do ano passado mostram que perderam a vida a trabalhar, pelo menos 186 pessoas. O número definitivo só será conhecido em Fevereiro, quando se fecharem as contas às pessoas que vieram a falecer no espaço de um mês após acidente de trabalho grave.

José Luís Forte, inspeção de trabalho, diz ser ainda cedo para

se concluir se o aumento do número de mortes em trabalho decorre apenas do maior rigor com que, assegura, os dados são agora recolhidos ou se se trata de um efectivo aumento da sinistralidade mortal. Adianta, contudo, não ser "de estranhar que aumente".

Leitura mais atenta

Em todo o caso, já no ano passado a ACT passou a ter duas pessoas com responsabilidade pela recolha mais afinada de informações sobre acidentes mortais. "Começamos a fazer uma leitura mais atenta da imprensa, por exemplo", afirmou. Também acidentes que vitimam trabalhadores independentes, como agricultores e pescadores, passaram a entrar nas estatísticas, afirmou.

Na construção civil, Joaquim Martins, do Sindicato da Construção e Obras Públicas, admite que os estaleiros estejam a matar menos. "Nos últimos anos, um quarto dos trabalhadores deixou a profissão. Mas em proporção, não acredito que morram menos agora", afirmou.

ALEXANDRA FIGUEIRA

6
Pessoas já perderam a vida este mês



"Eu quero o meu marido vivo"

FAMÍLIAS DE LUTO

CARLOS RUI ABREU, FERNANDO PIRES e PATRÍCIA POSSE locais@jn.pt

Os colegas de Carlos José Leite de Carvalho tiveram dificuldade em encontrar a mulher, Ana Maria, para lhe dar a notícia da sua morte. E quando ela soube da tragédia quebrou-se o silêncio do pequeno lugar de Sobreira, às portas de Cabeceiras de Basto.

Ana Maria, que trabalha em limpezas e cuida de um idoso, ficou desesperada e ninguém conseguia consolar a sua dor. Temem

do pior, familiares e amigos pediram uma ambulância, mas a viúva recusou. "Só quero o meu marido de volta. Eu quero ver o meu marido vivo. Ninguém tinha o direito de mo levar", gritava, na rua.

A assistir estavam as filhas do casal, com 12 e 17 anos, e o filho de 13. Carlos José sempre trabalhou nas obras, uma delas o novo santuário de Fátima.

Tomé era pessoa reservada

Já a outra vítima Alberto Tomé Dias tinha 57 anos e era natural da freguesia de Folgosa do Douro, em Armamar. Na terra, era tido como uma pessoa reservada, que "não dava grandes confianças".

Pai de quatro filhos, Alberto trabalhava na construção da barragem Foz Tua há dois meses.

Valter estava a construir casa

Na aldeia de Póvoa, em Alijó, a notícia da morte de um dos seus habitantes havia chegado. "Soube que o Valter foi um dos que ficaram soterrados", contava Adelino Soares, um dos muitos concentrados junto à casa da família.

Valter Rodrigues, 54 anos, tinha quatro filhos adultos no Seixal onde também viveu até há cerca de dois anos. Por causa do stress, regressou à terra e aproveitava o trabalho na barragem para acabar de construir a casa onde residia. ■